

Na Barra, rico paga pelo pobre

Na Escola Municipal Golda Meir, dentro do condomínio Barramares, na Barra, estudam “o filho do empregado e o filho do patrão”, como define a diretora Ignezita Monteiro Dantas, referindo-se aos porteiros e empregadas domésticas que trabalham no local e aos moradores do condomínio, que optaram pela escola para matricular seus filhos. Com 30% dos alunos pertencendo “à classe média alta”, a escola conta com uma privilegiada caixa escolar — formada por doações livres dos pais. “Isso coloca em igualdade de condições todos os 835 alunos, pois oferecemos aos mais carentes tudo o que eles não poderiam comprar”, diz a diretora.

A Golda Meir é a prova de que mais verbas podem reverter em melhor ensino. Graças às contribuições dos pais, a escola, que funciona do CA (alfabetização) à 8ª série, tem sempre material de pesquisa no bem equipado laboratório de ciências e dispõe de um equipamento de vídeo, utilizado em todas as disciplinas.

“Em Geografia, a gente assistiu a um filme sobre o Nordeste. E a professora de Português mostra filmes que passam no cinema para a gente fazer um trabalho depois”, conta a aluna da 6ª série, Simone Gutierrez Campos, 13 anos, filha de um motorista de ônibus. Ela destaca os filmes *Em algum lugar do passado* e *Nunca te vi, sempre te amei* e diz que quer ser atriz quando crescer.

Na escola, é comum os alunos chegarem à 8ª série. Entram no CA 75 alunos e o mesmo número conclui o 1º grau. “Nem sempre é o mesmo aluno que fica até o final do curso. Muitos pedem transferência e nós recebemos outros transferidos, mas mesmo assim é um ótimo índice”, analisa a diretora da Golda Meir. No funil da 4ª para a 5ª série a saída de alunos não passa dos 20% (de 120, 24 no máximo saem da escola), mesmo assim com pedidos de transferência comprovados, por motivo de mudança dos pais.

Todos os professores da escola fazem reuniões semanais de duas horas para discutirem seus programas e não faltam ao trabalho. “O professor aqui não se preocupa só com a sua turma, mas com as séries anteriores e posteriores, fazendo um trabalho vertical”, explica Ignezita. “A clientela aqui cobra muito. Tem mais noção do que quer para os filhos. Não é por causa do poder aquisitivo alto, mas pelo ambiente onde a escola está”, diz ela.

Para a dona de casa Vanda Gaoana, moradora do Barramares, mulher de um administrador de empresas, com dois filhos na Golda Meir, “escola particular é mais blá-blá-blá do que outra coisa”. “Tenho um sobrinho em escola particular que usa o mesmo livro do meu filho”, conta ela, que optou pela escola por comodidade e segurança. “No ano que vem, eles vão continuar lá”, garante. (E.B.)